

Papéis Avulsos de Zoologia

PAPÉIS AVULSOS ZOOL., S. PAULO, 31 (18): 283-297

22.VIII.1978

NOVAS ESPÉCIES E NOVAS OCORRÊNCIAS DE GASTRÓPODOS MARINHOS NA COSTA BRASILEIRA (PROSOBRANCHIA, NEOGASTROPODA)

LÍCIA PENNA-NEME

JOSÉ LUIZ MOREIRA LEME

ABSTRACT

Some new molluscan species from the Brazilian coast are described: Bursa (Colubrellina) benvegnuae, sp. n. (type-locality, off Mostardas, Rio Grande do Sul), Columbarium (Histricosceptrum) coronatum, sp. n. (type-locality, off Cabo São Tomé, Rio de Janeiro), and Coralliophila basilium, sp. n. (type-locality, off Solidão, Rio Grande do Sul). Some species of the Caribbean area were dredged on the South Brazilian coast as: Bursa (Colubrellina) tenuisculpta Dautzenberg & Fischer, 1906, Coralliophila mansfieldi (McGinty, 1940), and Cochlespira radiata (Dall, 1889).

No presente trabalho são estudadas espécies das famílias Bursidae, Columbariidae, Muricidae, Coralliophilidae e Turridae.

Todo o material estudado procede de estações do N/O "Prof. W. Besnard" e do barco "Emília" e se encontra depositado na coleção de Moluscos do Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo.

O tratamento dado às espécies é heterogêneo, mas pode ser sintetizado em: descrição de espécies novas, anatomia de espécies conhecidas apenas por caracteres conquiológicos e ampliação de distribuição geográfica. Os novos registros de distribuição são devidos a operações sistematizadas de dragagem em estações de maior profundidade, numa área restrita entre o Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul (mapa).

Os exemplares estudados anatomicamente foram recebidos já conservados em álcool a 70%, o que dificultou ou impediu a caracterização externa. Para a evidência de certos caracteres internos, foi necessário o emprego de técnica de coloração pelo carmim acético e de diafanização pelo creosoto de Faya. Para o estudo das rádulas, os dentes foram montados separadamente em glicerina.

Os desenhos foram feitos com a utilização de câmara clara. As abreviaturas usadas são: anp, anel púrpura; bm, bordo do manto;

bp, base do pênis; br, brânquia; ce, canal espermático; co, cicatriz do opérculo; dc, dente central; dl, dente lateral; dme, dente marginal externo; dmi, dente marginal interno; ds, denticulo subsidiário; gap, gancho apical do pênis; gd, glândula digestiva; gea, goteira espermática aberta; gh, glândula hipobranquial; m, manto; mc, músculo columelar; mp, metapódio; o, olho; os, osfrádio; p, pênis; pb, placa basal; pr, propódio; s, sifão; td, tentáculo direito; e te, tentáculo esquerdo.

Além do material do Museu de Zoologia, para o estudo comparativo das espécies de *Bursa* e *Coralliophila*, contamos com o valioso empréstimo de espécimes de Coleção H. R. Matthews, atualmente depositada na Escola Superior de Agricultura de Mossoró, Rio Grande do Norte, pelo que somos gratos.

Agradecemos também às Dras. Ruth D. Turner, Museum of Comparative Zoology, Harvard University, e A. F. Blake, do British Museum, pela comparação de material.

BURSIDAE

***Bursa (Colubrellina) tenuisculpta* Dautzenberg & Fischer**

(Figs. 1-10, 24 e 27)

Bursa (Lampas) ranelloides var. *tenuisculpta* Dautzenberg & Fischer, 1906: 36-37, pl. 2, figs. 15-18 (Açores e Madeira).

Bursa (Colubrellina) tenuisculpta; Abbott, 1974: 166-167, figs. 17-18.

Conquiologicamente, o exemplar examinado assemelha-se ao material estudado por Dautzenberg & Fischer — procedente de "Banc de Seine, Madère" — corresponde plenamente à sua figura 17, que mostra um opérculo com núcleo submarginal. Já na figura 19 é mostrada uma concha procedente do Japão, que apresenta opérculo com núcleo central. O espécime figurado por McGinty (1962) também apresenta opérculo com núcleo central. Abbott (1974) considera *Bursa natalensis* Coelho & Matthews, 1970, descrita de Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, como uma sub-espécie de *B. tenuisculpta*. Todavia, Coelho & Matthews (1971) colocam *B. natalensis* na sinonímia de *B. finlayi* McGinty, 1962, com o que concordamos. Pelo exposto, denota-se que a presente publicação pode ser considerada como o primeiro registro de *B. tenuisculpta* em águas brasileiras.

Pelo menos quanto ao aspecto externo, o opérculo do espécime estudado assemelha-se muito aos ilustrados para *B. cubaniana* d'Orbigny, sendo córneo, com núcleo submarginal e apresentando a face interna com duas zonas distintas, uma convexa e outra mais plana, com cicatrizes musculares em arco (figs. 6 e 7); diâmetro maior 10 mm, diâmetro menor 6 mm.

O animal preservado em álcool é descorado, sem qualquer evidência de manchas pigmentares, com exceção de uma faixa castanho-clara que antecede os olhos. Pênis longo e bastante largo, com os bordos laterais angulosos e o ápice terminado em gancho curto, canal espermático totalmente fechado, evidenciado na superfície dorsal do pênis por uma corda nodulosa (figs. 1 e 2). Glândula hipo-branquial volumosa, osfrádio bi-pectinado, ultrapassando a metade do comprimento de brânquia (fig. 4). Rádula: dente central com duas cúspides

basais rombas, não ultrapassando o limite inferior da placa basal, cúspide central (mesocone) curta, também não atingindo a base (fig. 8); dente lateral largo e anguloso com 5 a 6 denticulos em sua face côncava e um denticulo subsidiário na face oposta (figs. 8 e 9); dente marginal interno de base larga, com 1 ou 2 denticulos subsidiários um pouco acima da metade da face convexa (fig. 8); dente marginal externo afilado (figs. 8 e 10).

Pelos caracteres anatômicos acima descritos, e com base em Abbott (1958) e Cernohorsky (1967), podemos considerar *B. tenuisculpta* como espécie intermediária entre *thomae* d'Orbigny e *cubaniana* d'Orbigny, principalmente por apresentar pênis alargado como a primeira, porém dotado de gancho como a segunda. Todavia, difere das duas pela presença de canal espermático totalmente fechado. Quanto à rádula, assemelha-se bastante à de *thomae*, diferindo, porém, pela forma do dente central.

"W. Besnard" est. 457 (ao largo de Sarita, Rio Grande do Sul), 33°29'S, 50°44'W, 207 m, 9.XII.1968 (MZUSP 18479; comprimento, 37 mm; largura, 20,5 mm).

Bursa (Colubrellina) benvegnuæ, sp. n.

(Figs. 25 e 26)

Holótipo, MZUSP 18477, "W. Besnard" est. 444, 31°31'S, 49°47'W (ao largo de Mostardas, Rio Grande do Sul), 194 m, 6.XII.1968 (comprimento, 37 mm; largura, 20 mm). Parátipos, MZUSP 18478, 2 conchas, mesmos dados do holótipo. O nome desta espécie é uma homenagem à colega Gilda de Quadros Benvegnú-Lé.

Concha pequena (29-37 mm), sem compressão dorso-ventral, coloração amarelada com manchas acastanhadas, que na última volta são mais escuras; os nódulos são claros. Perfil da volta, anguloso. Protoconcha formada de 3 voltas, as primeiras com finas costelas axiais e a última lisa. Cinco voltas pós-nepiônicas, com duas varizes por volta, não contínuas. Abertura oval-arredondada, canal anal largo, não ultrapassando a variz; canal sifonal curvo, voltado para dentro; lábio externo com 10 dentes, calo parietal brilhante e transparente, dobras parietais brancas e irregulares, entremeadas por manchas castanhas; bordo columelar com 6 a 8 dobras brancas.

A escultura consta de cordas axiais e espirais, sendo estas mais acentuadas; destacam-se duas ou três séries espirais de nódulos elevados, que dão às varizes um aspecto anguloso; a série superior, que constitui o ombro, se situa aproximadamente no meio da volta e apresenta nódulos volumosos; as demais séries apresentam nódulos menores, aparentes na volta do corpo, mas que podem ser encobertos pela sutura nas voltas anteriores. Entre duas varizes contam-se 5 a 6 nódulos na corda espiral do ombro, enquanto as duas outras sempre apresentam um número maior de nódulos. Além destas cordas espirais, observamos outras mais delicadas; 4 ou 5 acima do ombro e 2 ou 3 entre as duas cordas espirais.

Pela escultura, *B. benvegnuæ*, sp. n., pode ser confundida com *B. finlayi* McGinty, diferindo, contudo, pelo tamanho e pelo número

de dentes do lábio externo. Pelas proporções e pela coloração assemelha-se a *B. tenuisculpta*, da qual difere pela forma da abertura e por apresentar escultura mais grosseira.

COLUMBARIIDAE

Columbarium (Histricosceptrum) coronatum, sp. n.

(Figs. 11 e 29)

Holótipo, MZUSP 18994, "W. Besnard" est. IX, 22°34'S, 40°29'W (ao largo do Cabo São Tomé, Rio de Janeiro), 213 m, fundo de "laminaárias", 11.II.1969 (comprimento, 31 mm; largura, 12,5 mm). Parátipo, MZUSP 18895, "W. Besnard" est. 1856, 30°42'S, 49°03'W (ao largo de Cidreira, Rio Grande do Sul), 182-186 m, 21.VIII.1972.

Concha pequena, fusiforme, calcárea, com voltas convexas, espinhosa, esbranquiçada, com 6 voltas e 1/4 de volta; a concha nepiônica é brilhante, lisa e tem apenas duas voltas (fig. 11), nas quais se notam apenas as linhas de crescimento. A partir da terceira volta há uma carena, munida de 8 espinhos, curvados para cima e para trás, que aumentam em número à medida que a concha cresce; na última volta, o número de espinhos chega a 15. Escultura espiralar bem desenvolvida, especialmente abaixo da periferia; acima da quilha há três cordões espirais, levemente nodulosos, e abaixo, 4 ou 5; na base do canal sifonal as linhas espirais são mais tênues; escultura axial formada por linhas de crescimento elevadas. Abertura sub-quadrada; lábio externo fino e interno levemente brilhante. Canal sifonal alongado.

Esta espécie apresenta caracteres conquiológicos apontados para o sub-gênero *Histricosceptrum* Darragh, 1969, isto é, presença de carena com espinhos curvados e escultura lirada bem forte. Difere de *atlantis* Clench & Aguayo, 1938, e de *bartletti* Clench & Aguayo, 1940, por não apresentar nem espira tão alta, nem canal sifonal tão longo, e por apresentar os espinhos curvados para cima.

MURICIDAE

Typhis (Typhinellus) cleryi (Petit)

(Fig. 28)

Murex (Typhis) cleryi Petit, 1840: 327; 1842: 2, pl. 54.

Typhis melloleitaoi Morretes, 1940: 251-252, pl. 1, figs. 1-3.

Typhis (Typhinellus) cleryi; Keen, 1944: 56, 64.

Não conseguimos localizar o holótipo de *Typhis melloleitaoi* Morretes, 1940, mas na coleção do Museu de Zoologia há um parátipo (MZUSP 14588) e um lote de exemplares rolados, sem número, ambos com os mesmos dados do holótipo (Mococa, Ubatuba, São Paulo) e determinados por Morretes; são jovens de *T. cleryi*.

Esta espécie é endêmica da costa brasileira, sendo assinalada do Rio de Janeiro até o Rio Grande do Sul (ao largo de Mostardas).

"W. Besnard" est. 315, 23°22'S, 44°26'W, 50 m, areia muito fina; est. 1144, 23°35'S, 41°50'W, 41 m; est. 1469, 23°44'S, 44°36'W, 60 m; est. 1485, 22°39'S, 41°33'W, 52 m; est. 1911, 31°38'S, 50°43'W, 69 m; em frente à baía de Santos, São Paulo, 38 m, 18.V.1961. Baía da Ilha Grande, Rio de Janeiro: "Emília" est. 99, 102 e 132, V-VII.1966, 17,5-24 m (MZUSP 18832-18835, 18837, 18857, 18984-18987).

***Typhis (Siphonochelus) longicornis* Dall**

Typhis longicornis Dall, in Agassiz, 1888: 70, fig. 294; Dall, 1889a: 122, pl. 15, fig. 7, pl. 38, fig. 15.

Typhis (Trubatsa) longicornis; Dall, 1889b: 216, pl. 15, fig. 7, pl. 38, fig. 15 ("off Havana").

Typhis (Siphonochelus) longicornis; Bayer, 1971: 161-162, fig. 31, fig. 34 A, fig. 35 A, fig. 36 B.

Esta espécie é mais conhecida da Região Caribeana. Os exemplares procedentes da costa brasileira (ao largo do cabo São Tomé, Rio de Janeiro; ao largo da ilha de São Sebastião, São Paulo; e ao largo de Mostardas, Rio Grande do Sul) devem ser jovens pois não ultrapassam 13 mm de comprimento, mas apresentam concha nepiônica, perfil da abertura e aspecto geral como os assinalados para *longicornis*. Nenhum dos espécimes examinados tem parte mole.

"A. Saldanha" est. B 448, 23°21'3"S, 41°21'W, 130 m; "W. Besnard" est. 295, 24°40'S, 44°22'W, 75 m, areia, lodo e conchas vazias, 14.II.1968; est. 443, 31°06'S, 49°30'W, 208 m, 6.XII.1968 (MZUSP 18836, 18848, 18856).

CORALLIOPHILIDAE

***Coralliophila mansfieldi* (McGinty)**

Muricidea mansfieldi McGinty, 1940: 83, pl. 10, figs. 5, 5a (Terciário; Caloosahatchee Marl, Clewiston, Florida).

Latiaxis (Babelomurex) mansfieldi; Emerson & D'Attilio, 1963: 7, fig. 4.

Coralliophila mansfieldi; Bayer, 1971: 187, fig. 47 (Golfo de Uraba, Colômbia).

Rios (1975) cita esta espécie para o Amapá, Maranhão, Piauí e Alagoas. Com o material estudado, a distribuição da espécie fica ampliada até a costa do Rio Grande do Sul.

"W. Besnard" est. 1437, 29°14'S, 48°02'W (ao largo de Torres, Rio Grande do Sul), 137 m, lodo e areia; 28.II.1971; est. 1721, 31°14'S, 49°35'W (ao largo de Solidão, Rio Grande do Sul), 177 m, 10.IV.1972 (MZUSP 18845, 18847).

Coralliophila basilium, sp. n.

(Figs. 12-23, 30-33)

Holótipo, MZUSP 18844, "W. Besnard" est. 443, 31°06'S, 49°30'W (ao largo de Solidão, Rio Grande do Sul, 208 m, 6.XII.1968 (comprimento, 29 mm; largura, inclusive espinhos, 31 mm). Parátipos, MZUSP 18996, 1 concha, mesmos dados do holótipo: MZUSP 18846, "W. Besnard" est. 731, 25°46'S, 46°31'W (ao largo da Paranaguá, Paraná), 124-133 m; argila, areia e conchas, 10.X.1969.

Concha branca, com 9 voltas (primeira volta corroída; 29-35 mm), espira elevada e ombro constituído por uma corôa de espinhos recurvados e dispostos em espiral. Abertura oval-alongada, internamente lisa, branca e brilhante, lábio externo crenulado, acima do ombro ligeiramente anguloso e abaixo levemente arqueado, bordo columelar liso e ligeiramente sigmóide, com calo branco, fino, não sobrepujando a escultura externa; canal sifonal amplo, apenas ligeiramente recurvado. Umbílico largo, em forma de funil. Protoconcha com 2 (+) voltas de crescimento regular, quase lisas, apresentando uma carena abaixo da linha mediana; voltas seguintes: inicialmente, só com costelas longitudinais, que são depois ligadas por duas grossas cordas espirais medianas; a partir da quarta volta, as cordas vão se tornando escamosas e vão surgindo outras acima e abaixo das primeiras (fig. 32). Destas, a superior vai suplantando o desenvolvimento das demais e se projetando em espinhos triangulares, em cerca de 9 por volta. Abaixo dos espinhos, a volta do corpo apresenta cerca de 18 cordas escamosas, enquanto as anteriores apresentam 3 ou 4; acima do ombro, as cordas espirais variam em número e no desenvolvimento das escamas, sendo a terceira a contar da sutura a mais desenvolvida. Opérculo córneo, multispiralado, com núcleo sub-lateral (fig. 22), face interna com cicatriz periférica contínua e outras transversais, deltóides (fig. 23).

Exemplar preservado em álcool, totalmente descorado, com exceção dos olhos que são pretos, da glândula hipobranquial e de um anel que atravessa o manto, que apresentam cor púrpura. Cabeça não delimitada, evidenciada pelos tentáculos longos, sendo no exemplar examinado, o esquerdo bem mais distendido que o direito, acompanhando o desenvolvimento do sifão (figs. 12 e 13), olhos localizados na face externa da porção mediana dos tentáculos (figs. 12-14). Pênis claviforme, alongado e relativamente volumoso, terminado em agulhão; canal seminal inicialmente aberto em goteira, penetra numa dobra do tegumento e se transforma num canal fechado interno, que entra pela base do pênis e o percorre em toda sua extensão, indo terminar no agulhão apical (figs. 17, 19 e 20). Sifão longo, amplo e musculoso (figs. 21), bordo livre do manto lobado e crenulado (figs. 12, 13 e 16), glândula hipobranquial volumosa, osfrádio parcialmente bi-pectinado, mais longo que a metade do comprimento da brânquia (figs. 18 e 21). O anel púrpura evidenciado na parede externa do manto situa-se internamente entre a brânquia e o osfrádio, exatamente no ponto onde este se torna bi-pectinado (figs. 15, 18 e 21). Em se tratando de exemplar único, não foi feita nenhuma pesquisa visando definir a estrutura e a função de tal anel, mas é pos-

sível que o mesmo seja consequência de uma lesão qualquer, contudo julgamos válido o simples registro do fato.

O conceito genérico aqui adotado é o defendido por Bayer (1971), segundo o qual *Coralliophila* é empregado para abrigar todas as espécies do Atlântico Ocidental, com exceção de *C. lactuca* Dall.

Conquiolologicamente, *Coralliophila basilium*, sp. n., assemelha-se muito a *C. dalli* (Emerson & D'Attilio), da qual difere pela carena das voltas embrionárias, pela forma da abertura, pela ausência da indentação columelar, pelo calo parietal, inclinação do canal sifonal e, principalmente, pela forma do opérculo.

TURRIDAE

Cochlespira radiata (Dall)

Pleurotoma (Ancistrosyrinx) radiata Dall, 1889b: 9, 78-79, pl. 12, fig. 12 ("Blake", Estreito de Yucatan, México).

Quando Clench & Aguayo descreveram *radiata cubana* apresentaram como diferenças entre as duas subespécies a pigmentação (manchas marrom claro em *r. radiata*, bandas marrom claro em *radiata cubana*), o número de espinhos da carena periférica da última volta (25 em *r. radiata*, 16 em *radiata cubana*) e o tamanho dos espinhos.

Entre os 31 exemplares examinados e procedentes da costa brasileira encontramos espécimes com bandas horizontais, ou verticais, ou sem elas; o número de espinhos vai de 15 a 23 e o tamanho dos espinhos é variável. Como se observa, há variação dos caracteres, o que nos leva a não considerar sub-espécies.

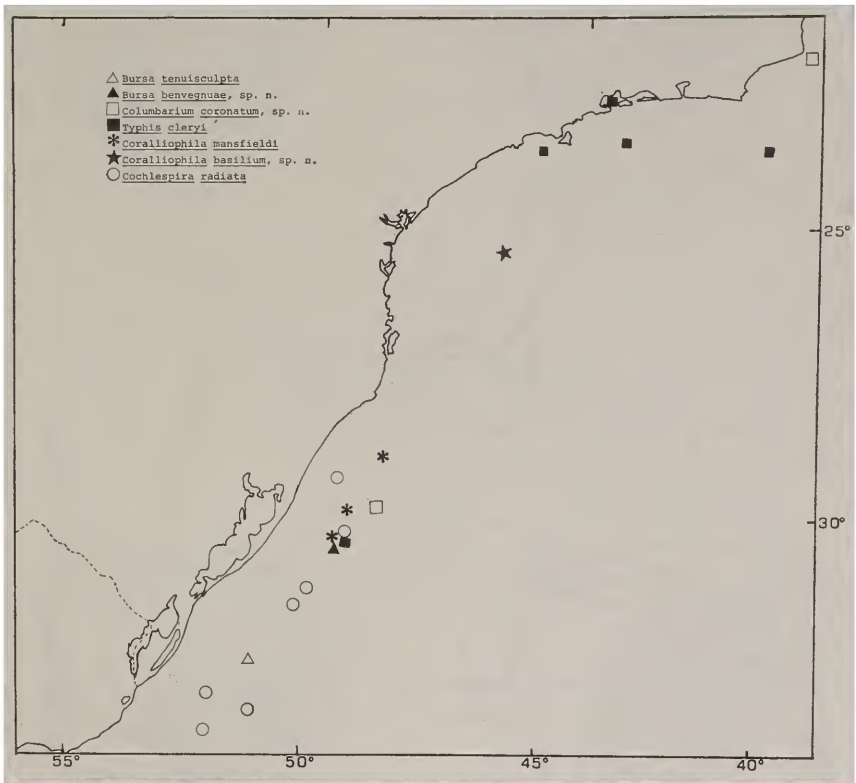
Cochlespira radiata era conhecida da Região Caribéana; com o material abaixo arrolado, ampliamos a sua distribuição geográfica para a costa sul da América do Sul — Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul) e Uruguai.

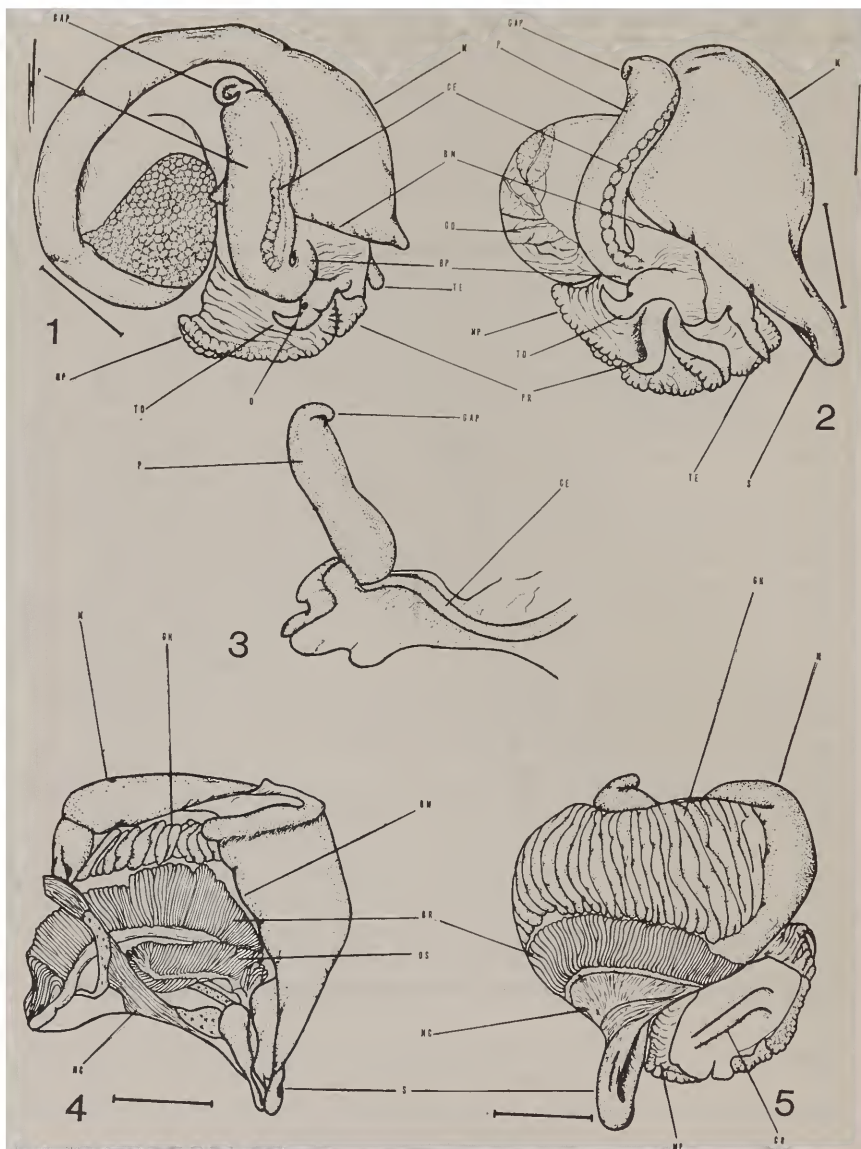
"W. Besnard" est. 300, 24°00'S, 43°59'W, 130 m; est. 306, 32°00'S, 50°05'W, 179 m; est. 330, 34°35'S, 52°00'W, 148 m; est. 419, 33°36'S, 50°50'W, 178 m; est. 437, 30°23'S, 48°37'W, 195 m; est. 465, 34°35'S, 51°56'W, 338 m (3 exemplares comparados com o holótipo); est. 1722, 31°02'S, 49°52'W, 135 m; est. 1758, 32°48'S, 50°27'W, 197 m; est. 1856, 30°42'S, 49°03'W, 182-186 m; est. 1908, 32°21'S, 50°13'W, 180 m (MZUSP 18822-18831).

REFERÊNCIAS

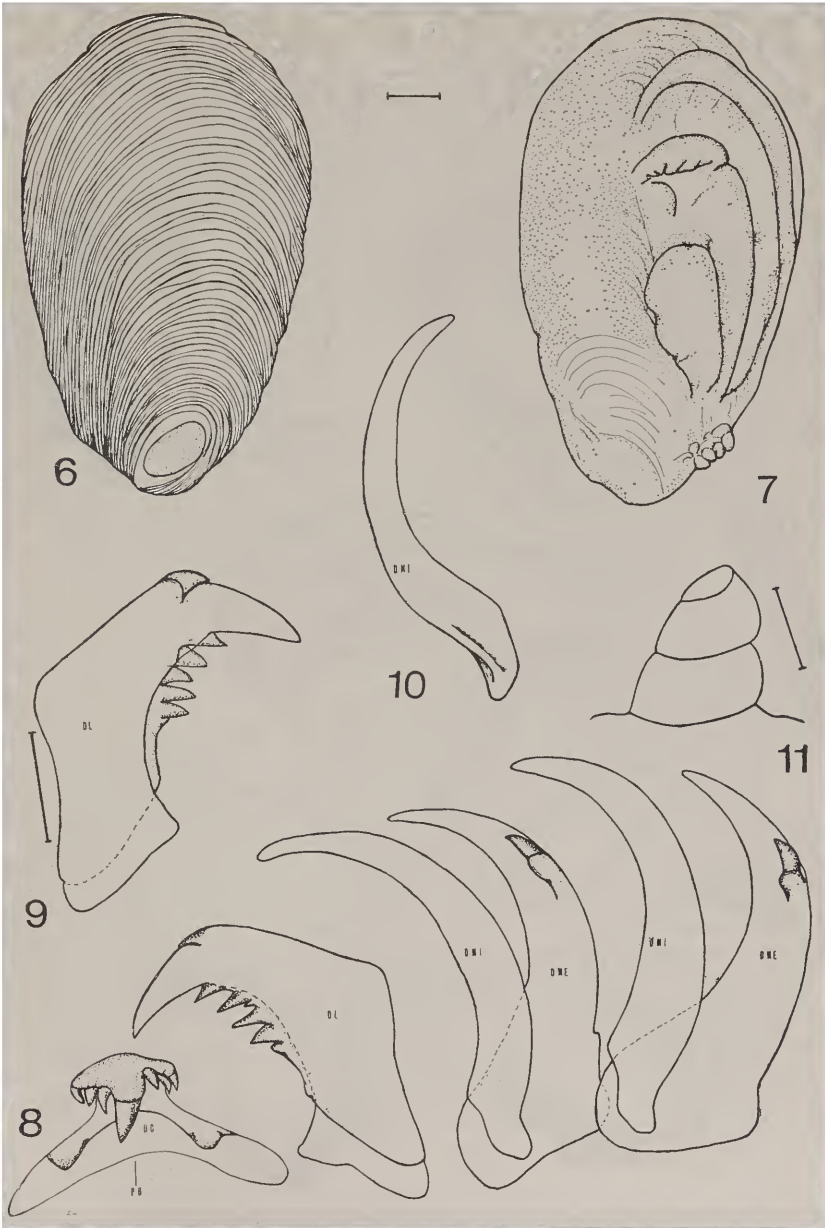
- Abbott, R. Tucker, 1958. The marine mollusks of Grand Cayman Island, British West Indies. *Mon. Acad. Nat. Sci. Philadelphia* 11, 138 pp., 5 pls.
- Abbott, R. Tucker, 1974. *American Seashells*. 2nd ed., VIII + 663 pp., ills., 24 color-plates. Van Nostrand Reinhold Ed., New York,

- Bayer, Frederick M., 1971. Biological results of the University of Miami Deep-Sea Expedition. 79. New and unusual mollusks collected by R/V John Elliott Pillsbury and R/V Gerda in the tropical Western Atlantic. *Bull. Mar. Sci.* 21 (1): 111-236, 72 figs.
- Cernohorsky, W. O., 1967. The Bursidae, Cymatiidae and Columbariidae of Fiji (Mollusca: Gastropoda). *Veliger* 9 (3): 310-329, 14 figs., pls. 42-46.
- Coelho, A. C. dos Santos & H. R. Matthews, 1970. Superfamília Tonnacea. I. Família Bursidae: *Bursa (Colubrellina) natalensis* sp. n. (Mollusca, Gastropoda). *Bol. Mus. Nac. R. de Janeiro (NS) Zool.* (279), 6 pp., 3 figs.
- Coelho, A. C. dos Santos & H. R. Matthews, 1971. Superfamília Tonnacea do Brasil. III — Família Bursidae (Mollusca: Gastropoda). *Argos Cien. Mar. Ceará* 11 (2): 45-58, 17 figs.
- Dall, W. H., 1888. In A. Agassiz, Three cruises of the United States Coast and Geodetic Survey Steamer "Blake" in the Gulf of Mexico, in the Caribbean Sea, and along the Atlantic Coast of the United States, from 1877 to 1880. Vol. 2, 220 pp., ill.
- Dall, W. H., 1889a. A preliminary catalogue of the shell-bearing marine mollusks and brachiopods of the South-Eastern Coast of the United States. *Bull. U. S. Nat. Mus.* 37, 21 pp., 74 pls.
- Dall, W. H., 1889b. Reports on the results of dredging, under the supervision of Alexander Agassiz, in the Gulf of Mexico (1877-78) and in the Caribbean Sea... XIX. Report on the Mollusca. Part 2, Gastropoda and Scaphopoda. *Bull. Mus. Comp. Zool.* 18, 492 pp., pls. 10-40.
- Darragh, Thomas A., 1969. A revision of the family Columbariidae (Mollusca: Gastropoda). *Proc. R. Soc. Victoria* 83 (1): 63-119, 24 figs., pls. 2-6, 2 tabs.
- Dautzenberg, Ph., & H. Fischer, 1906. Mollusques provenant des dragages effectués à l'Ouest de l'Afrique pendant les campagnes scientifiques de S.A.S. le Prince de Monaco. *Res. Camp. Sci. Monaco* 32, 125 pp., 5 pls.
- Emerson, William K., & Anthony D'Attilio, 1963. A new species of *Latiaxis* from the Western Atlantic (Mollusca, Gastropoda). *Am. Mus. Novit.* (2149), 9 pp., 6 figs.
- Keen, A. Myra, 1944. Catalogue and revision of the gastropod subfamily Typhinae. *J. Paleont.* 18 (1): 50-72, 20 figs.
- McGinty, Thomas L., 1940. New land and marine Tertiary shells from southern Florida. *Nautilus* 53 (3): 81-84, pl. 10.
- McGinty, Thomas L., 1962. Caribbean marine shells. *Ibidem* 76 (2): 39-44, pl. 3.
- Morretes, F. Lange de, 1940. Novos moluscos marinhos do Brasil. *Argos Zool. Est. S. Paulo* 2 (7): 251-257, 2 pls.
- Petit de la Saussaye, 1840. Description de deux espèces nouvelles, appartenant aux genres *Rostellaria* et *Murex*. *Rev. Zool.* 3: 326-327.
- Petit de la Saussaye, 1842. G. Rocher. *Murex. Mag. Zool.*, Paris, (2) 4: 1-2, pl. 54.
- Rios, E. C., 1975. *Brazilian marine mollusks iconography*. 331 pp., 91 pls. Fundação Universidade do Rio Grande, Ed.

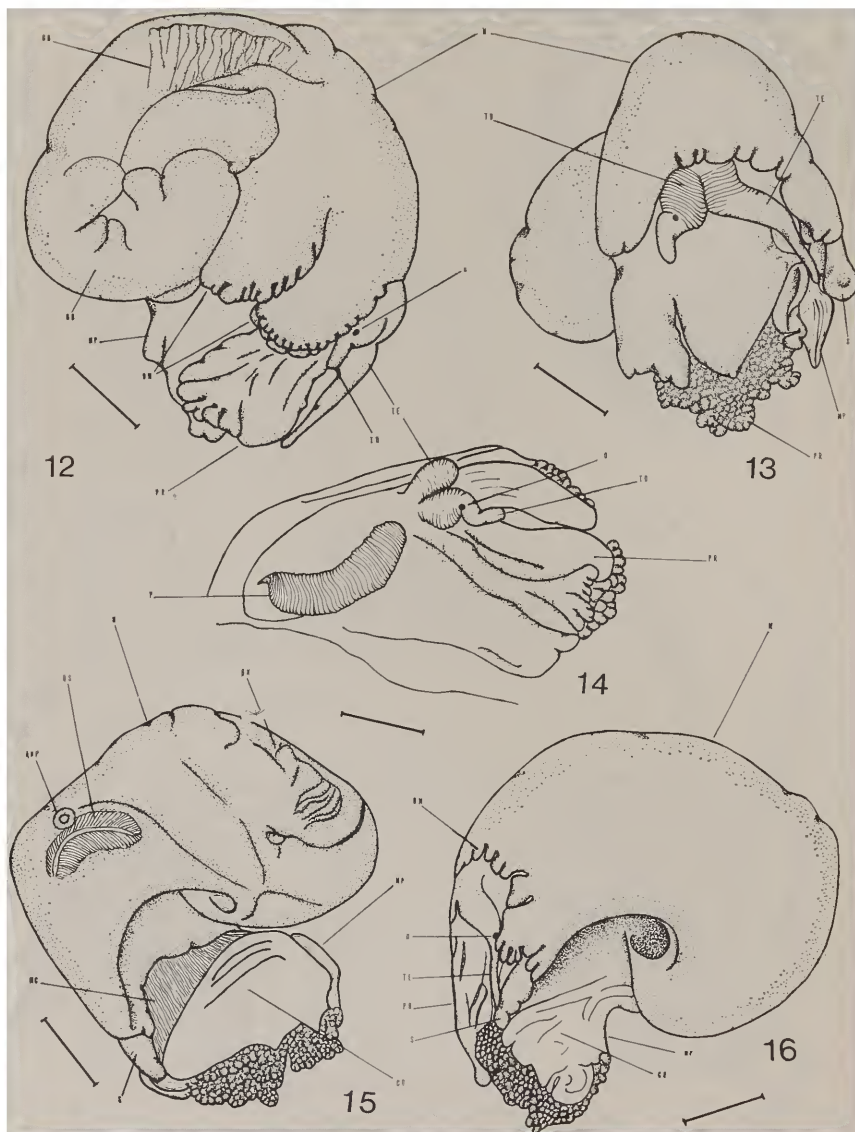




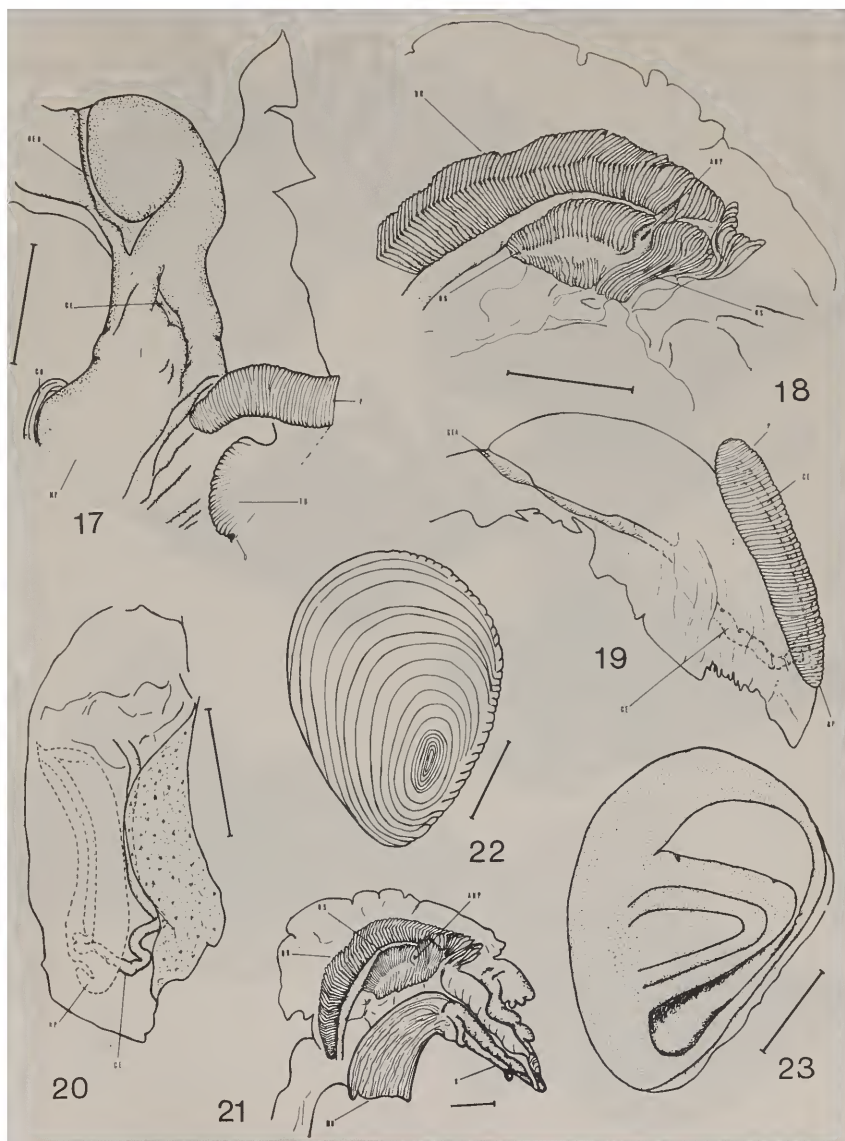
Bursa tenuisculpta Dautzenberg & Fischer: 1, 2 e 5, aspecto externo; 3, vista parcial da massa céfalo-pediosa, com o pênis rebatido; 4, vista interna da câmara palial. (Escala = 5 mm).



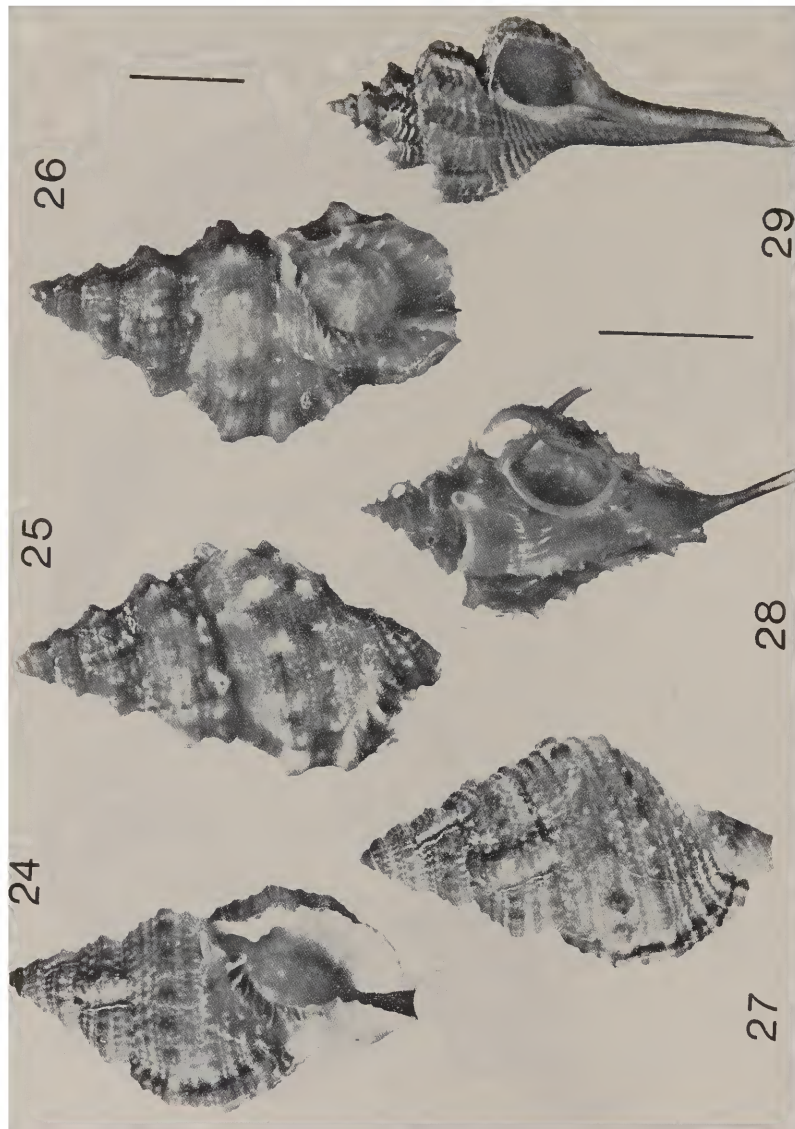
Bursa tenuisculpta: 6, face externa do opérculo; 7, face interna; 8-10, rádula; 11, protoconcha de *Columbarium coronatum*, sp. n.
(Escala = 1 mm).



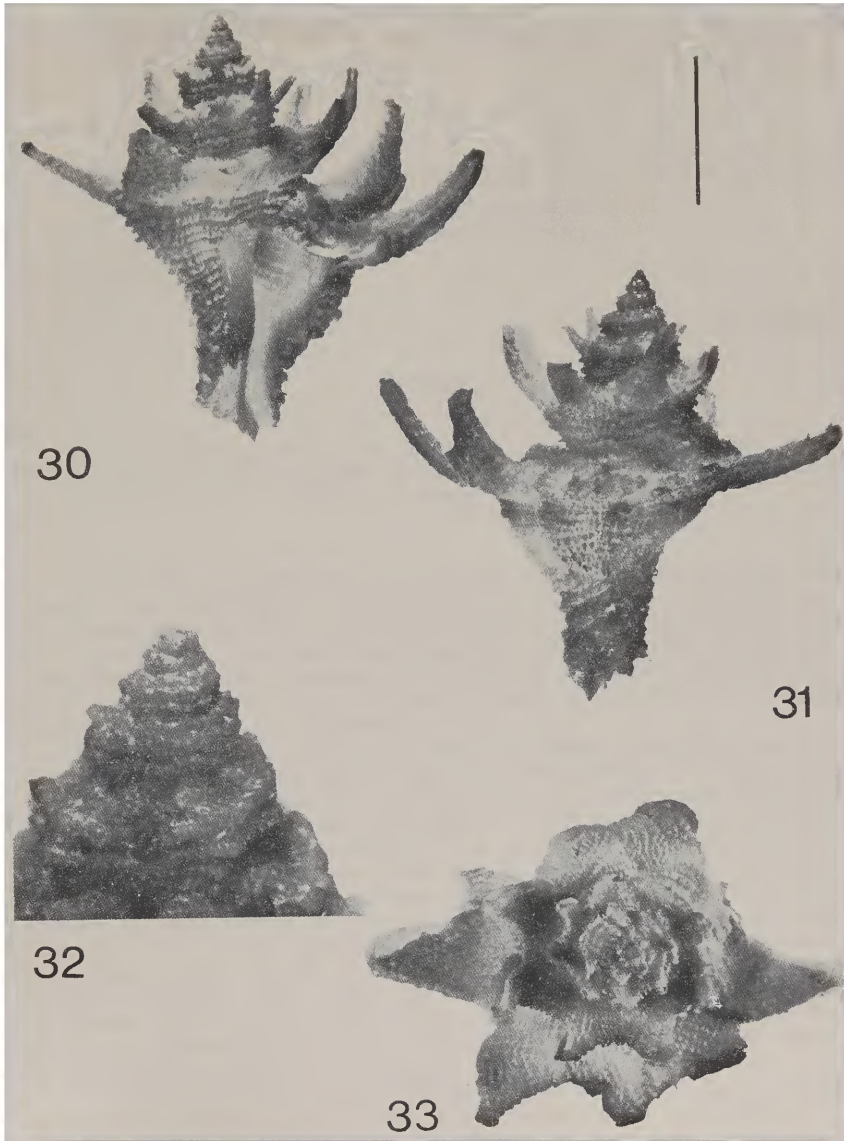
Coralliophila basilium, sp. n.: 12, lado direito; 13, vista frontal; 14, massa céfalo-pediosa, lado direito; 15, vista ventral; 16, lado esquerdo. (Escala = 2 mm).



Coralliophila basilium, sp. n. Vista parcial da massa céfalo-pediosa, lado direito: 17, face externa; 19, face externa após a diafanização; 20, face interna; 18 e 21, face interna da câmara palial; 22 e 23, opérculo.
(Escala = 2 mm).



Bursa tenuisculpta, figs. 24 e 27; *Bursa benvegnuae*, sp. n., figs. 25 e 26; *Typhis cleryi*, fig. 28; *Columbarium coronatum*, sp. n., fig. 29. (Escalas = 10 mm).



Coralliophila basilium, sp. n.: 30, vista frontal; 31, vista dorsal; 32, detalhe do ápice; 33, vista apical. (Escala = 10 mm).

